

## **REPENSAR A VIDA NA CIDADE: ELEMENTOS DE GESTÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ÓTICA DOS CATADORES DE LIXO**

**Viviann de Almeida Pereira – ULBRA/Torres/RS**  
[viviannap74@yahoo.com.br](mailto:viviannap74@yahoo.com.br)

**Resumo:** O turismo de sobrevivência de Torres-RS e o processo de favelização crescente têm oferecido às pessoas envolvidas a catação do lixo como opção viável de trabalho, transformando-as em novos atores sociais. O presente estudo etnográfico visou compreender a ótica desses atores acerca da atividade que desenvolvem, como subsídio para se repensar a vida na cidade. Entre suas reflexões, destacamos a necessidade de se implementar políticas comprometidas com a qualidade de vida e o desenvolvimento sustentável das cidades e do planeta.

**Palavras-chave:** percepção; meio ambiente; novos atores sociais

### **Situando o contexto**

Torres, cidade litorânea gaúcha, vive na atualidade um processo intenso de favelização, motivado pelo movimento migratório de pessoas provenientes de outras regiões próximas ou distantes, desenhando-lhe um cenário urbano antes inexistente.

Ou seja, a princípio, a beleza ímpar de Torres passou a ser valorizada como economia turística e também como natureza a ser preservada. Hoje, no entanto, a preocupação centra-se em promover, de forma cada vez mais acelerada, uma estrutura que atenda às necessidades, quase que exclusivas, daquilo que se convencionou chamar a indústria do turismo. Esta postura vem contribuindo para a transformação significativa da identidade cultural da cidade, pois entre os principais agentes do turismo está uma concepção de desenvolvimento que tem como objetivo atender aos seus interesses econômicos, políticos, sociais e culturais, sem o devido compromisso com a melhoria do bem estar da população, a qualidade de vida de cada um de seus membros, no que se refere à condição de trabalho, estabilidade laboral, instalações sociais e culturais apropriadas, educação, saúde, lazer e moradia.

Estabelece-se, então, uma relação custo-benefício desigual, às custas da população, presentemente agravada face ao controle migratório de famílias e pessoas que à cidade acorrem diante das “promessas de vida” ostentadas pela mesma, durante o veraneio. São pessoas que vêm do campo ou de outras cidades em situação de miserabilidade, na busca da ascensão social que não acontece, porque a cidade não possui frentes de trabalho organizadas na proporção demandada pela população.

Sem condições de retornarem aos seus núcleos de origem, já que de lá vieram fugindo da vida penosa, invadem áreas, constituem famílias (se já não as têm), formam bairros e, diante de tantas belezas naturais, desencadeiam um processo de favelização da cidade.

Esse contexto provoca nos habitantes de real carência material, uma busca por frentes de trabalho alternativo, trazendo a Torres, um cenário urbano antes inexistente pela emergência de novos atores sociais.

A atividade de catar o lixo, por exemplo, tem sido uma opção (ou imposição) que os indivíduos buscam para sobreviver. Uma atividade que passa a fazer parte da realidade torrense.

Como tem se configurado esta “*profissão*”? Na cidade, tem-se por observação empírica que parece se tratar de um amontoado de pessoas animalizadas, remexendo e comendo o lixo na porta dos supermercados e restaurantes, casas e edifícios (Gonçalves, 2001).

Nesse quadro contraditório, excludente, informal e alternativo, os catadores de lixo, organizados ou não, invisíveis ou não, encontram na sua atividade cotidiana uma renda para sua sobrevivência, ao mesmo tempo em que oferecem possíveis soluções no que se refere aos resíduos recicláveis que têm ocasionado sérios problemas a toda sociedade brasileira.

Ao encontro disto, emergem, questionamentos acerca de tal fato, que instigam a busca da compreensão da história de vida das pessoas que, alijadas das suas condições materiais básicas de vida, buscam satisfazê-las através dos recursos que a sociedade possa lhes oferecer: o aproveitamento dos dejetos abandonados pela população torrense. Esta compreensão, no entanto, não se reduz à identificação do perfil sócio-econômico e cultural das pessoas referidas, mas também às percepções que as mesmas têm do lixo, seus produtores e sua gestão, no exercício das atividades que lhes permitem sobreviver.

### **Cidade e dinâmica cotidiana: a emergência dos catadores de lixo**

Em vista do que afirmamos acima, cabe aqui, mencionar Tomazi (1997:140), que em seu conceito de cultura, lança aspectos que nos remetem a analisar a relação indivíduo-sociedade, visto que existe uma relação dinâmica, pois a sociedade produz o indivíduo e este, ao mesmo tempo, produz a sociedade em que vive.

Partindo desta idéia, a visão marxista ocupou-se em verificar as condições de existência de homens reais na sociedade de cultura capitalista, analisando como ponto central

as relações no interior de uma classe e entre as diversas classes sociais que compõem tal sociedade. Para esta perspectiva, entender tais relações, só é possível partindo do pressuposto que estas se encontram num contexto de antagonismos e equilíbrios precários entre as classes sociais, ou onde elas estão inseridas. Defende que é na luta entre as classes sociais que está a chave para compreender a vida social contemporânea (Marx e Engels, 1976).

As classes sociais acima mencionadas não são coisas ou apenas uma idéia abstrata, mas relações sociais que se desenvolvem na medida em que os homens procuram satisfazer as suas necessidades, e no modo com essas relações se dão (Tomazi, 1997).

Portanto, as classes sociais se constroem historicamente nas atividades sociais, econômicas, políticas e culturais. São dispostas em certa ordem de superioridade ou inferioridade que desempenham parte importante em qualquer sociedade. Elas se constroem, se fazem no cotidiano das experiências que acontecem em tais atividades. Daí, podemos discorrer que não existem isoladas; o que define e distingue as diversas classes sociais são as relações específicas que se estabelecem entre si que são determinadas pelos seus interesses a partir das posições específicas que elas ocupam no processo produtivo e sua relação com os meios de produção.

Como na sociedade capitalista estas posições são desiguais, a relação que se estabelece entre as classes são de oposição, em face do poder que as classes dominantes exercem sobre as dominadas.

A submissão a que está afeta a classe subalterna, em função da sua condição de explorada, gera discriminação e preconceitos, mas também a sua contradição. Fornece os elementos para que as camadas desprivilegiadas se constituam como classe de resistência em prol da transformação da sociedade, isto é, constituem-se em forças matrizes na transformação das estruturas sociais.

Os catadores de lixo são sujeitos por excelência deste trabalho, da relação desigual ocorrida nesta sociedade capitalista e, portanto, constituem-se em atores relegados a condição de explorados, mas que contraditoriamente se afiguram sujeitos potencializadores da transformação da sociedade.

Sujeitos que na sua cotidianidade, colocam em “funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias (Heller, 2000). Vida cotidiana essa, carregada de alternativas e escolhas, que foi constituída em torno da organização do trabalho, à qual está

subordinada sua atividade. Como mencionam Berger e Luckmann (1985), é uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles, na medida em que forma um mundo coerente, que se origina no pensamento e na ação dos mesmos, sendo afirmado como real para eles.

Cabe lembrar que os aspectos mencionados remetem à formação de identidades. Mas, as mesmas só existem a partir de um sistema de valores, que fornecem o fundo afetivo necessário para existência das mesmas. (Centurião, 2002).

Na vida cotidiana, conhecimentos são adquiridos. Conhecimentos estruturados em termos de conveniências, que para o sujeito é suposto certo até nova ordem, isto é, até surgir um problema que não pode ser resolvido nos termos por ela oferecidos.

Conforme Berger e Luckmann (1974:38), seria conveniente assinalar uma questão a respeito do que foi acima mencionado, onde eles citam que o conhecimento não é partilhado igualmente com todos os semelhantes que circundam um indivíduo.

Desta forma, percebe-se que, na vida cotidiana, o conhecimento do senso comum é o conhecimento que se partilha com os outros, nas rotinas normais. Grosseiramente, é o que se pode ou não fazer.

Nesse contexto, o uso da palavra cenário para referir-se ao local onde os sujeitos da pesquisa encontram-se é fundamental, visto que Goffman (1999:32) acredita haver, no momento do encontro etnográfico (aqui, a pesquisadora e os catadores de lixo), uma espécie de representação teatral, assim como em todas as outras interações sociais, com personagens e até mesmo figurinos, muitas vezes, bastante bem definidos, inclusive com diálogos e gestos ensaiados.

O autor ainda menciona que é nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros, e é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos. Em certo sentido, e na medida em que esta máscara representa a concepção que formamos de nós mesmos – o papel em que nos esforçamos para chegar a viver – esta máscara é o nosso mais verdadeiro eu, aquilo que gostaríamos de ser. Ao final da concepção que temos de nosso papel, torna-se uma segunda natureza e parte integral de nossa personalidade. Entramos no mundo como indivíduos, adquirimos um caráter e nos tornamos pessoas.

Heller (2000) acredita que a condução da vida supõe, para cada um, uma vida própria, embora mantendo-se a estrutura da cotidianidade, onde cada qual deverá apropriar-se a seu modo da realidade e impor a ela a marca de sua personalidade. A vida cotidiana refere-se sempre ao ambiente imediato.

Nessa perspectiva, homens e mulheres têm buscado satisfazer suas necessidades básicas, utilizando processos de criatividade cultural que têm como produto, estratégias de sobrevivência, no caso dos catadores, a partir do aproveitamento do lixo. É lidando com o que a sociedade rejeita, que um novo segmento social emerge: os catadores de lixo, vidas humanas que vêm se mostrando sujeitos auto-eco-organizadores (Morin, 1994), que não obstante seu caráter desorganizado e informal está se tornando, nos últimos anos, uma atividade econômica cada vez mais importante.

O presente estudo, portanto, utilizando-se das teorias que se ocupam das representações sociais buscou compreender como essas pessoas se inseriram na atividade, seus conceitos acerca do lixo, da sua produção e gestão, para repensar a vida na cidade. Esse fato remete, num primeiro momento, para as contribuições desses atores a uma melhor qualidade de vida e do ambiente local, da dinâmica socioeconômica, cultural, educacional e estética da cidade, contribuindo ainda para se identificar, a partir dessa atividade, elementos que auxiliem no planejamento do município, numa abordagem de desenvolvimento sustentável.

Sendo assim, o mesmo inclui-se entre os de abordagem etnográfica, visto que explora e descreve as representações dos catadores de lixo, em relação aos aspectos culturais que identificam os seus cotidianos. Ou seja, reconstitui o problema a ser investigado. Tem sido um procedimento metodológico largamente utilizado por antropólogos, inicialmente interessados em estudar a cultura e a sociedade, para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social, constituindo-se num relato escrito resultante do emprego das técnicas que utilizamos neste estudo, a saber: a observação participante, a entrevista e a análise de documentos.

O caráter etnográfico deste trabalho se sustenta no fato de que nas técnicas mencionadas, existe o princípio da interação constante entre o pesquisador e o objeto pesquisado. Além disso, conforme André (1995), esse tipo de pesquisa qualitativa apresenta características importantes como a preocupação com o significado, com a maneira própria que as pessoas vêem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que as cerca. A etnografia, portanto, busca a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem, utilizando-se de um plano de trabalho aberto e flexível, visando a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade, que caracterizou nossa preocupação ao longo da trajetória investigativa deste estudo.

A pesquisa percorreu etapas que abrangem revisão bibliográfica, aplicação de questionários contendo questões abertas e fechadas, com objetivo de colher informações

preliminares dos sujeitos envolvidos acerca das características do objeto de estudo; análise documental, que se vale de materiais os quais ainda não receberam um tratamento analítico, podendo ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa e, pesquisa bibliográfica, na qual se utilizou as contribuições dos diversos autores sobre as teorias de interesse; realização de entrevistas semi-estruturadas que visaram aprofundar os dados dos questionários, buscando selecionar aqueles mais significativos, que respondem à problemática em estudo e, observação participante - assim denominada, porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado (André, 1995) - visto que há a necessidade de uma descrição dos sujeitos pesquisados (catadores) “em seus aspectos pessoais e particulares, o local e suas circunstâncias, o tempo e suas variações, as ações e suas significações, os conflitos e a sintonia de relações interpessoais e sociais, e as atitudes e os comportamentos diante da realidade” (Chizzotti, 2001).

Portanto, foram utilizados recursos técnicos e metodológicos de coleta e análise de dados, conforme os mencionados acima, com os quais julgou-se os mais adequados e que imprimiram à investigação o caráter de cientificidade, ao mesmo tempo em que garantiram um envolvimento mais denso do pesquisador e dos pesquisados no processo da pesquisa.

### **A contribuição do estudo para o repensar a vida na cidade**

A pesquisa etnográfica que realizamos, nos permitiu apreender e compreender que profissões são históricas. Aparecem e desaparecem, fruto do movimento que estruturam e reestruturam a vida das pessoas em sociedade. A maioria delas, aparecem para atender a novas exigências do mercado, em busca do aproveitamento e reaproveitamento de bens e materiais, que o meio ambiente oferece, ou por ganância, retiramos dele.

Com os catadores, o processo se inverte. Eles não surgem das necessidades, mas da falta de oportunidade e por esta singularidade, é que os escolhemos para serem os sujeitos deste trabalho, que ora estamos pensando em relatá-lo, não concluí-lo.

Muito tem-se pesquisado e escrito sobre os catadores (os autores que revisamos nos permitem assim afirmar), mas sobre os nossos catadores, este trabalho é pioneiro. Nenhuma pesquisa foi identificada no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, com a preocupação de descrever esses novos atores sociais, na região.

Os nossos catadores não são novos atores apenas porque, a exemplo de outras cidades, são produções urbanas contemporâneas inevitáveis, pela alienação a que são acometidos, dada a desigualdade social que os jogam para a condição de pobres materiais, mas, principalmente,

pobres políticos (Demo, 1990). Nossos atores são novos também na cidade, a considerar-se que a maioria mora aqui entre cinco e dez anos. São produto de uma característica singular deste núcleo urbano a que nos reportamos seguidas vezes neste trabalho. Eles não só emolduram a cidade de maneira pouco estética aos olhos burgueses, artificializando seu cenário, nos reportando a Carlos (1994). Eles são reais e fazem parte do contexto paisagístico, buscando incluir-se nele, dignamente.

Mesmo novos por aqui vêm nas agruras do seu trabalho e das relações que tratam em decorrência dele, insistindo, persistindo na construção da sua identidade. Ou melhor, eles vêm reivindicando seu direito à representação e à identidade do seu trabalho, pondo a público as relações de poder contidas num trabalho, que foge das identidades normais e hegemônicas. Por constituírem identidades reprimidas, como diz Silva (1999), reivindicam não apenas seu acesso à representação, mas sobretudo seu direito a controlar o processo da sua representação. Sabem que são estigmatizados por uns, porém são reconhecidos por outros e, portanto, lutam por não serem descritos como estereótipos, mas como atores reais, capazes de transformar o problemático, em crítica e em possibilidades.

Nossos atores, pela particularidade da sua ocupação, trazem no seu cotidiano os elementos para que possamos refletir o destino da condição humana nas cidades e no planeta. Um deles é o individualismo das pessoas que compõem a cidade, como nos referimos antes. O cidadão, mormente da classe média, vive nas cidades sob suspeita, prisioneiro de si mesmo, resguardando ferozmente sua privacidade econômica e humana. Tranca-se no restrito mundo da família, protegendo-a e se protegendo, excluindo e tornando-se indiferente às demais. Assim sendo, desenvolve uma “cultura do eu”, não se abrindo para valores mais coletivos, únicos instrumentos capazes de mobilizar a sociedade local e mundial, em torno das discussões mais universais, mais fraternas, humanas e planetárias.

Este estudo demonstrou, pela nossa observação *in loco*, na atividade dos catadores, que o lixo orgânico lidera as tonelagens do lixo produzido pela população. Isto nos autoriza dizer que comida há, e há para todos. Basta que saibamos e aprendamos a conjugar verbos como racionalizar, distribuir e partilhar.

É preciso, pois, que possamos reunir os pensamentos e as vozes aprendidos dos catadores, para que possamos abrir as portas do nosso coração e das nossas casas para acolhê-los e lhes dar a chance de se organizarem como trabalhadores fundamentais para qualidade de vida da cidade. Na verdade, não se trata apenas de dar uma chance a eles, mas a nós. Afinal, quem não precisa de solidariedade?!

Esta chance, recíproca, se fortalecerá pela disposição das pessoas em se voltarem para o cultivo da compreensão, um dos sete saberes para educação do futuro (Morin, 2000), como indicamos acima. Para tanto, a administração pública e a classe política, começando pela cidade, devem se envolver em projetos reais, não de retórica, que reconheçam os catadores como profissionais que contribuem para o seu desenvolvimento. Proponham projetos que retirem os catadores da condição de coitados e os promovam à condição de seres humanos que criativamente ajudam na economia da cidade. Podem ser simples, começando por atender às condições mínimas de trabalho desses atores: água, abrigo e acessórios que os livrem da contaminação pelo contato com produtos deteriorados.

Evidentemente, que tais projetos precisam ser construídos democraticamente, a partir, dos próprios saberes dos catadores de lixo, que na vivência da sua atividade, são os que mais, autenticamente, podem aludir às questões de gestão e educação ambiental, por suas observações da dinâmica e complexidade da vida urbana e das suas próprias vivências como integrantes desta dinâmica, mas em condições muito particulares, tendo em vista o processo de exclusão em que vivem.

Poder-se-ia desse modo, falar-se de que tais iniciativas só tem sentido e relevância social, se estiverem inspiradas num processo de gestão democrática participativa. Tal perspectiva, como afirma Lück (2006:104), considera que “os recursos não valem por eles mesmos, mas pelo uso que dele se faz, a partir dos significados a eles atribuídos pelas pessoas e a forma como são utilizados” em seu favor. Além disso, tal modelo de gestão, oportuniza as pessoas refletirem sobre suas práticas não apenas individuais, mas coletivas, seus saberes e poderes sobre si próprios e os outros, no sentido de questionar e pensar a cidade, não apenas para si, mas para os outros, num sentido da dignidade cidadã.

Tal condição, como entende Paro (2001), não está pronta para o ser humano. É ele próprio que constrói a sua humanidade. Não sozinho, mas “de modo social, na relação com os demais seres humanos” (p.9). Assim, a gestão que falamos, com auxílio deste autor, se refere àquela que, além de garantir a condição de sujeito individual, ela precisa garantir a condição de sujeito dos demais. Isto é, a ação que me leva a pensar em reivindicar os meus direitos, deve caminhar no sentido de preservar os direitos dos demais. Daí a importância de que não se pense em projetos centrados apenas em gerenciamentos ambientais pautado pelas questões estruturais, mas principalmente, por aqueles que tenham o comprometimento com a formação educativa para a cidadania e para a democracia em que tantos poderes materiais, quanto os intelectuais, estejam dispostos da mesma forma a todos.



Aqui não valem discursos genéricos e descontextualizados. Violências, crimes e doenças, tão presentes nos noticiários sensacionalistas, na atualidade, não se resolvem com falas, campanhas e apenas “boa vontade”. Que tal começarmos pela análise crítica e ética de seus determinantes? Isso é pouco, mas é o começo de uma ação que, com certeza, será a desencadeadora de projetos maiores, que poderão colocar a cidade de Torres entre aquelas realmente ambientais. Afinal, não é este o slogan da cidade?! Cantado em palavras e adesivos: Torres, cidade ambiental.

Aí, poderíamos incluir uma central de triagem do lixo e um programa de coleta seletiva e também, de discussão e educação das pessoas sobre a produção do lixo e seus efeitos no ambiente, entre outros.

Aos empresários, aqui centrados na atividade turística hoteleira, comercial e prestação de serviços, fica a indicação para que incluam os catadores entre os seus colaboradores, facilitando-lhes o acesso a um lixo organizado, seletivamente. Uma vez que atuam sob a estética da cidade, estão contribuindo para que ela se mostre bela aos olhares dos turistas que poderão, pelas suas impressões positivas da cidade, desencadear um processo epidêmico que atraia pessoas de suas relações a visitar a cidade. São os catadores produzindo possibilidades de melhores condições de vida, para eles, para a cidade e para os próprios empresários.

Aos educadores, a grande mensagem está na possibilidade de subvertermos o currículo proposto, incluindo nas nossas análises com os alunos, a crítica sobre como profissões são construídas, e as relações de poder que estão envolvidas nessa construção. Para que eles possam reconhecer que se existem profissões mais valorizadas do que outras, é porque as relações de poder nelas engendradas se fazem de maneira desigual. Por isso a importância dos educadores conhecerem a história de vida dos profissionais que constroem a vida em sociedade, sobretudo dos catadores, para que possam articular com os alunos este conhecimento, necessário ao desenvolvimento da compreensão e da solidariedade. Neste sentido, pode-se dizer, que esta investigação cumpre seu papel, no momento em que se assume, pessoalmente, o compromisso de divulgá-la – oportunidade que tivemos de fazê-la por quatro vezes, em âmbito nacional e internacional, no decorrer da pesquisa - e discuti-la com a comunidade científica, política, empresarial e popular para que, a partir daí, possamos incentivar novos projetos, novos estudos e novas aprendizagens. Pois, este é um tema, que pode, nas diferentes leituras e linguagens, nas diferentes objetividades e subjetividades, nos discursos acadêmicos e discussões livres, científicos ou poéticos, subsidiar produções sobre a nossa vida no planeta e as conseqüências da perda da identidade humana, como a de meu pai,

nascida do diálogo que com ele travei no percurso desta investigação, que dele tomei de empréstimo.

Atores  
Sociais  
Intérpretes  
Dos outros  
Menos dos seus  
Papel imposto  
O único  
Apesar disso, ultrapassando o texto dado  
Mexendo, remexendo nele  
Revirando, reescrevendo  
Resgatando-o  
Melhorado.

De atores malditos  
Recolhidos à periferia  
A personagens vivos  
Intérpretes de si mesmos  
Que sabem do serviço que prestam.

Do estigma de feios... e sujos  
A conscientizadores anônimos do valor da vida  
Das coisas  
Do mundo  
Do planeta  
Da estética da cidade  
Para as pessoas  
Que por não incluírem  
Se excluem  
Quando cospem fora  
O que mais precisarão  
Solidariedade.

*Antonio Serafim Pereira*

### **Referências:**

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BERGER, Peter. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1974.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1994.
- CENTURIÃO, Luiz Ricardo Michaelsen. **Identidade, indivíduo e grupos sociais**. Curitiba, PR: Juruá, 2002.

- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2001.
- DEMO, Pedro. **Pobreza política**. São Paulo: Cortez, 1990.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- GONÇALVES, Pólita. **Coleta seletiva e inclusão social**. Disponível no site <http://www.lixo.com.br/artigoel.htm>
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- LÜCK, H. **Gestão educacional: uma questão paradigmática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006
- MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Lisboa: Editorial Presença, 1976
- MORIN, E. **Sociologia: a sociologia do microsociedade ao macroplanetário**. Portugal: Publicações Europa-América, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.
- PARO, V. H. Escritos sobre educação. In PARO, V. H: **Cidadania, democracia e educação**. São Paulo: Xamã, 2001.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética, a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia da Educação**. São Paulo: Atual, 1997.